

“Encontrar a palavra turismo no PRR é como encontrar o Wally”

“Encontrar a palavra  
turismo no PRR é como  
encontrar o Wally”

Reeleito para mais um mandato à frente da Confederação do Turismo de Portugal, Francisco Calheiros acredita na recuperação do turismo. Haja aeroporto, TAP e, fundamentalmente, empresas e empresários. Presidente da CTP é assumidamente crítico à ausência do turismo no Plano de Recuperação e Resiliência.

ENTREVISTA  
pág. 06-11

Reeleito para mais um mandato à frente da Confederação do Turismo de Portugal, Francisco Calheiros acredita na recuperação do turismo. Haja aeroporto, TAP e, fundamentalmente, empresas e empresários.

# “Encontrar a palavra turismo no PRR é como encontrar o Wally”

Victor Jorge / vjorge@publituris.pt • Fotos: Frame It

**E**m maio de 2022, fará uma década que está à frente da Confederação do Turismo de Portugal. Nessa altura, Francisco Calheiros espera estar a meio caminho na recuperação da indústria do turismo. Para já, ficam, em entrevista ao Publituris, as críticas à falta ou demora nos apoios e a esperança de que, quando a tal desejada retoma chegar, existam empresas, empresários, oferta, mas também capacidade para receber quem nos quer visitar. Ou seja, chega de meio século de discussão relativamente a um novo aeroporto.

**Foi reeleito para um novo mandato à frente da CTP. Pergunto-lhe, nesta conjuntura ímpar e desafiante, o que ficou por fazer e o que transita para este mandato que termina em 2024?**

Nestas atividades associativas ou confederações, fica sempre qualquer coisa por fazer e há muita coisa por fazer. Mas pensar no que foi o último mandato com o início deste, é como o



dia e a noite.

Em 2018, estávamos a culminar nove anos de crescimento e lembro-me de, na altura, o gravíssimo problema que tínhamos com falta de mão-de-obra. Agora começamos um mandato onde, obviamente, esse problema não se coloca.

Este mandato começa por termos de olhar para o curto prazo, mais do que, propriamente, para o médio e longo prazo.

#### O que é o curto prazo?

O curto prazo é seis meses.

#### Portanto, ainda é 2021?

Sim, sem dúvida, ainda 2021. É evidente que temos inúmeras questões que deveríamos discutir. Desde questões gerais que não têm só a ver com o turismo. Uma reforma do Estado adiada há décadas, problemas com a demografia, com a natalidade.

#### Ou seja, questões estruturais?

Exatamente, mas que são a médio prazo. Contudo, também há questões estruturais para o turismo e que têm a ver, por exemplo, com o aeroporto.

#### Mas o aeroporto é a médio prazo quando está a ser discutido há cerca de 50 anos?

Tem razão, mas como disse, neste momento, temos de garantir que a oferta que existe se mantém instalada. A prioridade da CTP tem de ser a manutenção dos postos de trabalho e, sobretudo, a sobrevivência das empresas.

O que acontece é que, esta pandemia foi projetada e já dei este exemplo, dezenas, senão centenas de vezes, para saber se conseguíamos salvar a Páscoa de 2020. Já imaginou o que já passou desde março do ano passado?

#### Mas já fez este exercício: se não tivéssemos pandemia, que desafios é que a CTP estaria a debater?

Seriam completamente diferentes. Aeroporto, em primeiro lugar. Vamos ser claros, se em 2020 não tivesse havido pandemia, eu não sei o que se passaria no Aeroporto da Portela, mas seria, de certeza, outro desastre.

#### 2019 já tinha sido complicado.

Agora imagine 2020, sem pandemia? Recordando janeiro e fevereiro de 2020, não havia razão para não acreditarmos que o turismo não crescesse a um ou dois dígitos.

Aliado ao problema aeroporto, o outro ponto que já foquei da falta de mão-de-obra.

#### Mas falta de mão-de-obra ou falta de mão-de-obra qualificada?

Esse é outro problema. Em 2016 falava em mão-de-obra qualificada. A partir de 2018, deixei cair a palavra “qualificada”. Nós não tínhamos mão-de-obra. Mas, para este mandato, essa é uma preocupação que só surgirá se as empresas sobreviverem. O que lhe digo é que acaba em abril o pagamento dos 100% para empresas com quebras acima de 75%. Isto foi definido há três meses. Não sei se estava certo ou errado, o que não estava previsto era que em maio continuássemos praticamente a não ter atividade turística.

#### E não há possibilidade de redefinição desses apoios?

A minha esperança é que estes apoios sejam prolongados, pelo menos, até junho.

#### Uma realidade dramática

**Vai fazer um ano que a CTP apresentou 99 medidas de apoio à atividade turística, bem como propostas para a capitalização das empresas. Depois de termos desconfinado, voltado a confinar e, agora, novamente em desconfinamento, que medidas foram aceites e postas em práticas e o que ficou na gaveta?**

Em termos gerais e, especificamente, no turismo, houve uma medida em que o Governo esteve bem: o layoff e a medida de apoio à retoma.

Relativamente a outras medidas de apoios às empresas em geral e no turismo, estas são medidas burocráticas, lentas e insuficientes. Vamos pegar nas últimas. Algumas ainda estão no papel como, por exemplo, aquela dos 300 milhões para o turismo. Outras, como o reforço do Apoiar

já estão esgotadas. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que, se uma já está esgotada e a outra ainda não chegou, então são claramente insuficientes.

Portugal investiu muito pouco na recuperação. Tem de fazer mais, ou melhor, muito mais e rapidamente.

Nós nunca nos pronunciamos em questões sanitárias. Mas há uma questão económica que nos pronunciamos e muito. Uma pandemia que dura há mais de um ano e na qual a taxa de desemprego nem reflete este ano de pandemia, a decisão que está do lado do Governo é muito simples. Isto é um trade-off muito simples. Aguentar as empresas e dar valor ao esforço e à resiliência que essas empresas e empresários demonstraram. Muitas vezes perguntam-me, como foi possível aguentar? Foi possível, porque tivemos 10 ótimos anos de turismo e os empresários gastaram todas as suas poupanças que ganharam nestes anos para manter as empresas e postos de trabalho.

#### Mas há um limite. Quando atingimos esse limite?

Esse limite já foi atingido. E como disse, ou o Governo mantém essas empresas e quando abrirem os corredores turísticos há oferta instalada, há companhias aéreas, há aeroporto, há hotéis, restaurantes, rent-a-cars e os turistas vêm para cá ou, se não existir isto tudo, eles não vêm.

E se esses turistas não vierem, aí não fecham 10 ou 20% das empresas. Aí fecham todas. Pode ter a certeza. E com isso, vão centenas e centenas de milhares para o desemprego.

#### Portanto, reforça o que disse em fevereiro passado quando afirmava que, se o Governo não atuar com rapidez, não haverá empresas para salvar?

Cada dia que passa a situação é mais dramática. Eu já não falo daquelas atividades que estão proibidas, como discotecas, bares, etc.. Falo das que não estão proibidas – hotéis, restaurantes, agências e viagens e outros – com quebras de 70 e 80%. Há inú-



“Estando o PRR dentro do PE e alertando o PE para a necessidade de haver uma recuperação do turismo, por que razão ignora o PRR o turismo?”

meras despesas fixas que, por mais que o Governo apoie, não tem sido suficiente.

**O Banco de Portugal avança que se perderam 12 mil milhões de euros em receitas do turismo neste ano de pandemia.**

Isso é um bocadinho de dinheiro, não é? Mas também não tenho dúvidas que esse valor vai voltar, haja oferta. Nós continuamos cá com tudo, não perdemos nada. Há é uma proibição de viajar, mas a ansiedade das pessoas para viajar é enorme.

**Mas relativamente a essa ansiedade para viajar, como é que olha para a questão do Certificado Verde Digital e a implementação do mesmo a tempo de, eventualmente, salvar o verão?**

Antes da questão do certificado, tínhamos vários países ou cada país a impor as regras que achava mais convenientes.

**Dentro da UE?**

Dentro e fora da União Europeia. Para uns tinha de ser com vacina, para outros com teste, para outros era quarentena. O que é que a CTP defendeu e defende: chamem o que quiserem, mas a Europa tem de funcionar. A regra que vier a ser definida tem de ser comum aos 27 Estados-Membros, interna e externamente.

**Ou seja, funcionar, efetivamente, como uma União?**

Exato e que às vezes parece tudo menos unida. Um alemão, um americano, um finlandês, que viaje dentro do espaço europeu ou para fora dele, tem de saber com o que contar. Tem de saber quais são as regras.

A pior coisa que pode acontecer na Europa é que a questão sanitária seja ou se torne numa questão concorrencial.

**Tal como na questão dos corredores turísticos em que houve países que aproveitaram a tal desunião existente?**

Lá está, o que nós queremos é uma

regra que defina bem o jogo.

**Mas acha que aí a União Europeia foi mais desunida do que unida?**

Acho que sim, tem de ser mais Europa, mais União. Aí tem de ser como fazem os ingleses, tem de ser "mandatory". Não pode ser facultativo.

**O Wally do PRR**

**Portugal foi o primeiro país a apresentar o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) a Bruxelas. Nas suas várias intervenções existia sempre a crítica de que o turismo não existe no PRR. Como é que gostaria de ver o setor do turismo espelhado no documento?**

Esta vai pagar direitos de autor, mas, de facto, encontrar a palavra turismo no PRR é como encontrar o Wally.

Além do PRR, acabou de sair o Plano de Estabilidade (PE), que estamos a estudar, e como sabe o PRR está dentro do PE. Este último diz o seguinte: atenção que o turismo de 2009 a 2019 foi determinante para a recuperação da economia portuguesa. Neste sentido, e com um PE que tem o PRR incluindo, é fundamental ter medidas muito concretas e específicas para o turismo.

Por isso, se ler primeiro o PE e depois o PRR, vai para o PRR excitadíssimo, já que o PE diz que no PRR têm de estar lá as medidas e deverão ser "toneladas delas". Porém, é como encontrar o Wally.

**O que fizeram durante a consulta pública do PRR?**

Nós enviámos um trabalho muito bem feito e que tinha propostas muito concretas. O que o Governo nos diz é que não é no PRR que essas medidas concretas devem estar, que há mais no PE, mais no Portugal 2020-30 e no Quadro Financeiro Plurianual. É uma resposta, mas não convencidos e satisfeitos com a resposta fomos procurar se os nossos concorrentes também fizeram isso. O PRR de Espanha, por exemplo, não fala no turismo. Tem, antes, um capítulo inteiro específico para o turismo e que dá pelo nome de "Plano de Moderni-

zação e Competitividade do Turismo". Depois fomos a Itália, igual a Espanha. Só muda o nome para "Turismo e Cultura 4.0".

Portanto, esta é uma decisão do Governo português.

Mas o que ainda estranhámos mais é que, após a consulta pública do documento, apareceram capítulos específicos para a cultura e para o mar. Com o maior respeito que tenho pela cultura e pelo mar, não entendo como é que vindo do PE a recomendação "cuidado com a baixa do turismo, é obrigatória colocá-la em alta para fazer regressar 2019", pura e simplesmente se tenha ignorado tal recomendação.

Estando o PRR dentro do PE e alertando o PE para a necessidade de haver uma recuperação do turismo, por que razão ignora o PRR o turismo?

**Portugal lá fora**

**Estamos na 3.ª fase do desconfinamento. Lembro-me de sugerir uma mega-campanha internacional, de forma a mitigar a má imagem que o país passou. Ainda mantém essa sugestão?**

É verdade. De facto, olha-se para trás e ninguém percebe porque se passou do 8 para o 80 e depois do 80 para o 8. Quando estávamos naquela situação dramática, fiquei, naturalmente, preocupadíssimo. Porquê? Porque abrir os jornais na Europa e no mundo a dizer que Portugal era o país com mais infetados por 100 mil habitantes era uma péssima imagem. Não tenho dúvida nenhuma de que, quando as pessoas começarem a marcar as suas férias, irão, antes, ver como está a situação sanitária de determinado país. E aqui, Portugal passou por uma fase horrível.

Mas, pelo facto de termos uma pandemia, de as pessoas não viajarem há mais de um ano e pelo facto dos destinos concorrentes de Portugal (Espanha, Itália, Grécia) passarem pelos mesmos problemas quando isto abrir - e temos tido muitas conversas com o Turismo de Portugal (TP) - temos de lançar, urgentemente, uma mega-campanha. Não tanto a dizer



“Diria que o turismo perdeu entre 42.000 a 45.000 pessoas durante a pandemia”



que estamos bem, isso as pessoas podem ver, mas tudo aquilo que compõe a campanha promocional de um país como as negociações das rotas aéreas, vinda de jornalistas estrangeiros, artigos publicados lá fora no online e offline, aquilo que o TP me tem dito é, "Francisco, está tudo pronto!". O que acontece é que estão a tentar prever quando é que isto abre, porque também não vale a pena ter razão antes de tempo. As reservas, neste momento, são muito imediatas. Nós temos o exemplo do ano passado, em agosto, com o Reino Unido foi impressionante. Lembra-se que o corredor inglês sempre



“Nós temos defendido muito a opção Montijo”

teve fechado com Portugal. Abriu uma semana em agosto. Pois foram mais de 50 voos diários para Faro.

**Quando é que essa campanha deveria ser lançada?**  
Diria, já!

**Mas quando focou os concorrentes de Portugal, todos vão estar em pé de igualdade. Além desses, ainda teremos Tunísia, Marrocos, Egípto, Turquia, etc..**

Sim, essa é uma “ameaça” real. Vamos ter mais concorrência, mais competição, razão pela qual temos de ter urgentemente uma campa-

nha internacional fortíssima. Ou seja, antecipar, até porque há mais gente a concorrer.

**O “novo velho” aeroporto Como focou logo no início da nossa conversa, a maioria desses turistas vêm, não de carro, mas de avião. E aí, Portugal terá um grande problema para resolver?**

Lembro-me da primeira reunião que tive com o ministro Pedro Nuno Santos, por causa do problema TAP e aeroporto, no ano passado. Eu, na altura, já referia que não se conseguia resolver um problema em praça pública e o aeroporto era abertura de telegornais. A COVID pôs-lhe um tampão. E disse, “esta é a altura certa para aproveitar, nos bastidores, negociar e fazer o aeroporto”. É com grande desgosto e é essa a palavra certa, desgosto, pensar que já passou mais de um ano e evoluímos zero.

**Evoluímos ou andámos para trás?**

Tem toda a razão. Regredimos. Neste momento estamos a realizar um Estudo de Impacto Ambiental Estratégico para três soluções. Portanto, este estudo vai adiar, mais uma vez, algo de urgente resolução. Ora, se segundo as perspetivas mais pessimistas apontam para que, em 2024, estarmos muito perto do que era 2019, esqueça aeroporto. É inaceitável, inacreditável.

**Mas aí só está a equacionar Montijo, porque se a solução for Alcochete, teremos aeroporto dentro de uma década?**

Nem quero ouvir falar nisso. É preciso não esquecer que o aeroporto é uma obra estruturante para o país. Que é de importância fulcral para o turismo? É! Mas não só. Será fundamental para toda a atividade económica.

Uma empresa exportadora que venha ver a capacidade do nosso principal aeroporto, é razão mais do que suficiente para ir embora ou não querer vir para Portugal.

Acho que é algo que nos deve envergonhar a todos. Estar a discutir há 50

»»

anos a localização de um novo aeroporto.

**Teme que se veja inscrito a mesma expressão que se viu por causa da Barragem do Alqueva: “Construam-me, porra!”?**

Não sei se me está a querer dar ideias, mas para evitar repetições, optar, eventualmente, por um: “Porra, construam-me!”.

Eventualmente, quando voltar a en-

petitividade para a cidade gigantesco. (ii) A opção Montijo é a opção mais rápida e barata. (iii) Depois, falamos do Montijo, parece que ninguém sabe o que já lá está. Montijo é uma base aérea. Ora, já lá está, praticamente, tudo.

**Falar em aeroporto é ter de falar da TAP. Vamos ter TAP, vamos ter “TAP-zinha”?**

Não conheço o plano de reestrutura-

**Porque perdendo esse hub?**

Nem quero pensar nisso.

**Mas além dessa questão coloca-se, igualmente, a problemática do CEO.**

O Fernando Pinto quando veio, veio com homens-chave. O António do Neves trouxe uma equipa inteira. Agora vem um CEO sem equipa? Outra questão: quando se abre um processo de reestruturação e de rescisões, não pode sair quem quer, sai



revistar-me depois do final da pandemia e perguntar-me que desafios temos agora pela frente, talvez lhe responda na altura que não temos mais nenhuns, porque não há mais nada para fazer, porque não cabe mais ninguém no aeroporto.

**Mas do lado da CTP existe alguma preferência ou a questão é, precisamente de um aeroporto, seja ele no Montijo, Alcochete, Alverca, Ota, etc.?**

Nós temos defendido muito a opção Montijo. Porquê? Por causa de três questões. (i) A opção Montijo mantém a Portela viva e, quer queiramos ou não, a Portela é um fator de com-

ção da TAP. Se é preciso um plano de reestruturação? Bem, a maior parte das companhias aéreas está a ser reestruturada. Portanto, a TAP, com o que conhecemos, dificilmente, escaparia a uma reestruturação.

Do que conhecemos da TAP, há que referir a importância das duas apostas feitas no Brasil e nos EUA. Nós tivemos em Portugal brasileiros e americanos como nunca. Porquê? Porque é o voo direto que impulsiona o tráfego.

O que se pergunta é o seguinte: com a reestruturação e baixa de 20 ou 30 aeronaves é possível manter a política de ‘hub’? A TAP diz que sim, eu não sei.

quem não fizer falta à empresa. Vai falar com qualquer agência ou operador, o que eles dizem é que não têm com quem falar. Isso preocupa-nos.

**Mas será que é a gestão pública que está a dificultar a vinda de um novo CEO?**

Não sei, mas que está a dificultar, acredito. Até porque, quando chegar, não vai ver o que pode ou deve fazer. Não, vai fazer o que já foi submetido e aprovado. Vamos ver quem aceitará esse jogo.

**Venha lá essa retoma**

**A retoma que aí vem poderá ser desfavorável para o turismo, na me-**

**dida em que, com tanta concorrência, a primeira coisa que se fará é baixar preço? Portugal é um destino "demasiadamente" barato?**

Não concordo com quem afirma isso. Vamos ser realistas, um país que tem 27 milhões de turistas, em 2019, tem de tudo. Isto não é um turismo de nicho. O melhor local para ver isso é o Algarve. Tem lá, desde o turista de massas até ao turista de 5 e 6 estrelas.

Mas vou recordar algo que as pessoas se esquecem. Antes de 2009 houve muito oferta criada que não foi acompanhada pela procura. De 2009 para trás, crescemos muito pouco. De 2009 a 2019 aconteceu exatamente o oposto, ou seja, a procura foi maior que a oferta. O que é que aconteceu de 2009 a 2019? O REVpar cresceu sempre mais do que o número de turistas, ou seja, nós tivemos de aumentar os preços sempre acima da procura.

Pode perguntar-me, acha que isto agora vai sofrer um revés? Sim, acho. Quando os hotéis estão cheios, é fácil dizer, não baixo preço. Mas agora, estamos com hotéis a 40% e menos, muito menos.

Não podemos perder a noção do seguinte, há lugar para todos. Temos turismo de 6 estrelas, 5 estrelas, de 4, 3, 2 estrelas.

**E há que manter?**

Sem dúvida, há que manter. Há toda uma oferta instalada nesse sentido. Não se esqueça que Portugal é considerado, de 2019 para trás por quatro vezes consecutivos o melhor destino de golfe do mundo. O turista de golfe é do que mais dinheiro gasta.

As cidades de Lisboa e Porto eram das cidades mais procuradas para congressos.

**Até o setor automóvel, com as apresentações internacionais ...**

Não há apresentação internacional de automóvel que Portugal não seja considerado. Eu lembro-me de uma marca automóvel que trouxe a Portugal 6.000 jornalistas. Ora, isso é imbatível.

**Mas houve muita gente no turismo de negócios a enveredar pela "facilidade" do digital?**

Há um turismo de negócios que foi ensinado por esta pandemia a fazer coisas digitalmente. O Zoom e o Teams e outras soluções vieram questionar aquela reunião a Madrid ou a Paris por 2 ou 3 horas.

Posso organizar um congresso médico com 6.000 ou 10.000 pessoas no digital? Posso, mas não é a mesma coisa.

**Ora, à data de hoje, estaríamos a 20 dias de uma BTL. Temos uma FITUR à porta, anunciada pelo Governo espanhol como estratégica. Em Portugal nada se sabe.**

Como sabe, as feiras de turismo mundiais têm vindo, praticamente todas, a perder poder e interesse. Há dois ou três ex-libris, FITUR, World Travel Market e ITB.

Nós tínhamos três, só ficou a BTL que tem sido bem desenvolvida. Aquela questão de se ter três dias profissional e no fim de semana para público, favoreceu muito as empresas e acabou por compensar a presença na feira

Mas é de realizar uma BTL com todas as restrições que conhecemos? Sei que há conversações, mas penso que vamos ter uma BTL extraordinária em 2022, na linha de 2019.

A BTL funciona da seguinte forma: de 4.ª a 6.ª feira, é um ponto de encontro internacional, gerador de negócios, hosted buyers, etc.. Sábado e domingo estamos a falar de dezenas de milhares de pessoas a visitar a oferta existente. Portanto, ou é possível fazer ou não é. Não há meio termo.

**O que sobrá ou sobreviverá do setor do turismo? Tem noção de quantas empresas, empregos se perderam?**

Não temos a bola de cristal. O que temos vindo a saber é que o número de empresas a fechar não tem sido muito diferente de anos anteriores. Quanto ao desemprego, é, provavelmente, a atividade em que mais se sentiu isso. Os números que

temos são do INE referentes à hotelaria e restauração. Diria que o turismo perdeu entre 42.000 a 45.000 pessoas durante a pandemia.

Considerando que vamos ter prolongamento de layoff, que as medidas do Governo vão ser mais incisivas até setembro, que iremos ter um verão mais normal, a capacidade de vacinação vai ser maior, que em setembro já poderemos ter a tal imunidade de grupo, diria que, tenho alguma esperança que a maior parte da nossa oferta instalada se mantenha. E aqui, temos de dizer isto muito claramente, tem de haver um elogio muito grande às associações do setor e aos empresários do turismo. Têm aguentado estoicamente. Tem havido uma atitude de responsabilidade por parte dos atores do setor do turismo que temos de salientar. Não vejo ninguém a baixar os braços. Empresas proibidas de funcionar, não é perder 50% ou 75%. É perder 100%.

**Os 10 anos de capitalização esfumaram-se?**

Como se costuma dizer, a carniça está toda no assador.

**Ainda faltam cerca de 5 meses para o Dia Mundial do Turismo e para o dia do evento da CTP. Mas como gostaria de abrir o seu discurso nesse dia 27 de setembro?**

Boa tarde, muito bem-vindos a este dia 27 de setembro a mais um Dia Mundial do Turismo. As minhas primeiras palavras são para dizer que debelou-se a pandemia. Portanto, uma vez constituída a imunidade de grupo e com o número de infetados praticamente inexistentes, Senhores governantes, é favor de olhar para as empresas portuguesas que aguentaram isto tudo, que estão descapitalizadas e que precisam de apoios.

Vamos por as empresas portuguesas em condições de colocar o turismo como, novamente, o motor da economia como o foi de 2009 a 2019.

Estas são as palavras que gostaria de dizer no dia 27 de setembro de 2021. **P**



“Com a reestruturação e baixa de 20 ou 30 aeronaves é possível manter a política de ‘hub’? A TAP diz que sim, eu não sei”